



“NÃO VOU COMER”: VEGETARIANISMO COMO TRANSGRESSÃO FEMININA EM A VEGETARIANA, DE HAN KANG

MARINA KREBS VANAZZI *

analisar como o patriarcado, o tradicionalismo e a dieta carnívora estão intrinsecamente relacionados na sociedade sul-coreana.

O livro *A Vegetariana*, da escritora sul-coreana Han Kang, conta a história de Yeonghye, uma mulher coreana comum que, de um dia para o outro, decide cortar completamente os derivados animais de sua dieta. A obra aborda como a decisão individual da protagonista afeta seus relacionamentos e é dividida em três partes: a primeira narrada em primeira pessoa pelo marido de Yeonghye e a segunda e terceira narradas em terceira pessoa, mas a partir da perspectiva de, respectivamente, o cunhado e a irmã de Yeonghye. A representação do vegetarianismo¹ no romance, que na minha análise é entendida como uma forma de rebelião de Yeonghye ao patriarcado e às expectativas sociais, é o ponto-chave do enredo e da crítica que o livro propõe. Por isso, para entender a crítica de Kang em sua completude, é interessante

Por ser uma entusiasta do fenômeno *Hallyu*² desde 2017, a cultura sul-coreana, tanto do passado quanto do presente, é um grande objeto de curiosidade para mim, visto que ela apresenta uma mistura única de modernidade e tradição (Devi, 2023). Mesmo que seja referência em tecnologia e inovação, o país ainda apresenta costumes extremamente retrógrados em relação aos direitos das mulheres: homens com aversão ao feminismo, divisão desigual de trabalhos domésticos, desigualdade salarial entre os gêneros e crescentes casos de assédio sexual e violência contra mulheres. Esses são os principais motivos que fizeram com que muitas mulheres sul-coreanas aderissem ao movimento “4B”, que ganhou popularidade em 2019: o movimento engloba os conceitos de *bihon* (recusa ao casamento heterossexual), *bichulsan* (recusa à

* Graduada em Licenciatura em Letras Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Literaturas de Língua Portuguesa e Língua Inglesa pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: marinakv01@gmail.com.

¹ Apesar do uso constante do termo ‘vegetariana’ durante o livro, a personagem na verdade adota um estilo de vida vegano, visto que corta não só a carne, como também derivados animais (leite e ovos) da sua dieta, além de se desfazer de itens feitos de couro.

² *Hallyu*, ou Onda Coreana, é o termo que descreve o fenômeno global de popularização e difusão de produtos culturais sul-coreanos, como música, séries, livros e filmes.

gravidez), *biyeonae* (recusa ao namoro) e *bisekseu* (recusa a relações sexuais com homens) (Sussman, 2023).

Como forma de escapar das amarras de um casamento infeliz, no qual desde sempre é esperado que a mulher cuide da casa e dos filhos sozinha, cozinhe para o marido e forneça todas as condições necessárias para que ele possa ascender em sua carreira profissional, as mulheres do movimento 4B estão rompendo com essas regras milenares e simplesmente se recusando a fazer parte dos papéis criados pelo patriarcado. Como apontado por Sussman, o diferencial do movimento 4B é que, em vez de combater o patriarcado, como os movimentos feministas ocidentais costumam fazer, essas mulheres estão simplesmente deixando-o completamente para trás, o que já está sendo refletido nas taxas históricas de baixa natalidade da Coreia do Sul.

Ainda que o livro *A Vegetariana* tenha sido publicado em 2007, ele dialoga perfeitamente com os valores defendidos atualmente por essas mulheres. Yeonghye, que no início do romance era elogiada pelo seu marido por sua “modestidade”, ou seja, por não ser convencionalmente bonita ou bem sucedida e aceitar fazer todas as tarefas domésticas sem reclamar, encontra através do vegetarianismo um meio de subverter as expectativas sociais, familiares e de gênero impostas sobre ela: Yeonghye não precisa mais cozinhar para o marido, já que ele se recusa a comer somente vegetais como ela, descumprindo o papel de “esposa perfeita”, ao se recusar a comer no jantar do chefe de seu marido, e pela primeira vez na vida contraria as ordens de seu pai abusivo, que tenta violentamente forçar Yeonghye a comer carne.

Além do contexto patriarcal da Coreia do Sul, é importante entender por que a decisão da protagonista de aderir ao vegetarianismo/veganismo se torna tão polêmica nesse cenário. Atchaya Devi, em seu texto “Edible resistance: a feminine rebellion through culinary representation in *The Vegetarian* by Han Kang” (2023), usa a expressão “food patriarchy”, ou patriarcado da comida, para descrever a relação entre o consumo de carne na Coreia do Sul e os papéis de gênero. Historicamente, por causa de suas especificidades geográficas e terreno pouco propício para criação de animais, a agricultura do país era e continua sendo muito voltada para o cultivo de vegetais. Isso tornou o consumo de carne um privilégio para os mais ricos, visto que a pecuária do país é escassa e a maior parte das carnes consumidas são importadas, o que torna o produto caro e menos

acessível. Dentro de uma sociedade patriarcal, faz sentido, então, que o produto pouco acessível seja ainda menos acessível para as mulheres. Ainda que elas sejam as responsáveis por cozinhar a comida, a carne, fonte de proteína, deve ser prioridade para o marido, que “necessita de força” para trabalhar e prover:

Quando a família se reúne em torno da mesa de jantar durante as refeições, a disposição dos pratos é determinada pelo valor atribuído aos pratos e pela posição dos indivíduos sentados à mesa. Os pratos com carne, mais valorizados que os pratos com vegetais, costumavam ser colocados à frente dos mais velhos ou dos homens de alto escalão e não eram acessíveis às mulheres da família. Essas regras foram rigorosamente seguidas até a década de 1960, quando as condições econômicas melhoraram. Contudo, hoje, as condições mudaram de modo que, embora os “bons pratos” ainda sejam colocados à frente do mais velho ou do homem, todos os membros da família têm acesso relativamente livre a eles. (Park, 2001, p. 46, tradução da autora)

Outro aspecto da cultura sul-coreana abordado em *A Vegetariana*, e relacionado à ideia do vegetarianismo como uma transgressão de Yeonghye, é o caráter social e coletivo da comida. A repressão que a protagonista sofre no almoço com sua família, em uma das cenas mais tensas e violentas do romance, exemplifica por que o vegetarianismo na Coreia do Sul é uma escolha complexa e mal vista por pessoas mais tradicionalistas. Como analisam Yoo e Yoon, existe uma importância social em cima de fazer e compartilhar refeições semelhantes na cultura coreana, como uma forma de “promover relacionamentos íntimos e laços emocionais”, por isso

“o vegetarianismo pode ser considerado um comportamento social desviante, discordante da norma não vegetariana” (2015, p. 111, tradução da autora).

Diante disso, (o vegetarianismo) é considerado uma má prática que perturba a harmonia dentro do grupo, e os vegetarianos/veganos, especialmente aqueles que são mais jovens e ocupam posições sociais mais baixas, enfrentam enormes pressões sociais para ceder a uma dieta onívora convencional, especialmente em ocasiões como uma reunião de família e um jantar de empresa. (Yoo & Yoon, 2015, p. 111, tradução da autora)

Ao Yeonghye abdicar o consumo de carne com justificativas “vagas” (por conta de seus sonhos), a família da protagonista considera seu ato como egoísta (tendo em vista o caráter coletivista da cultura), ingrato (por conta do prestígio associado à carne) e transgressor (visto que ele subverte seu papel como esposa, a que cozinha tudo o que o marido quer, e como filha, a que faz tudo o que o pai mandar). A repressão sofrida por ela nos faz refletir sobre como os limites impostos pelas mulheres são menosprezados e ridicularizados, especialmente os que se referem ao corpo feminino e às decisões individuais da mulher. Durante o almoço em família, a protagonista é imobilizada pelo irmão e agredida pelo pai, na tentativa de fazê-la voltar a comer carne, numa cena que beira uma representação de estupro. Subvertendo as expectativas de todos os presentes, pelo histórico passivo de Yeonghye frente aos homens, ela pela primeira vez reage à opressão masculina e permanece firme em sua escolha:

“Não aguento mais ver isso! Acha que estou brincando? Quando mando comer, você come!”, disse o pai. Imaginei que ela diria “Sinto muito, papai. Mas não consigo”. Em vez disso, respondeu sem se lamentar ou se desculpar: “Não como carne.” [...] Minha cunhada se jogou e segurou o pai pela cintura. Mas no momento em que a boca de minha esposa se abriu, meu sogro enfiou à força o pedaço de porco agridoce. Diante da investida, o irmão caçula amenizou a força no braço e minha esposa reagiu, cuspidando o alimento. Um grito animalesco explodiu de sua boca: “Me deixem em paz!”. (Kang, 2007, p. 26-28)

Além disso, é válido ressaltar que as recusas de Yeonghye vão além do vegetarianismo, mesmo este sendo o foco do enredo. Assim, outro simbolismo de transgressão presente na obra é a relação da protagonista com o uso de sutiã: o marido de Yeonghye, antes mesmo de sua conversão ao vegetarianismo, se incomodava com o fato da esposa não ter costume de usar a peça, reprimindo-a quando seus mamilos ficavam muito aparentes. Através dos poucos trechos dos pensamentos de Yeonghye, ela menciona uma “dor no peito”, que acreditava ser do sutiã – e por isso teria parado de usá-lo –, mas que segundo ela tem origem no seu consumo de carne: “Por mais que respire fundo, esse aperto no peito não passa.

Gritos e choros se sobrepõem e ficam encravados aqui. É por causa da carne. Comi carne demais. Todas essas vidas estão entaladas aqui” (Kang, 2007, p. 33). É por causa desse sofrimento que a protagonista, determinada a se livrar das amarras que a prendem, abre mão radicalmente de todas as convenções possíveis, como usar roupas e se alimentar num geral, e por isso é interdita duas vezes em clínicas psiquiátricas.

Por fim, quando Yeonghye diz que quer virar planta e que todas as árvores do mundo são suas irmãs, é possível interpretar que, para ela, este é o único jeito de fugir das normas sociais e opressoras que fazem seu peito apertar. Se a carne representa os homens, a morte, o patriarcado e o sofrimento de outros seres, a árvore representa as mulheres, a vida, o renascimento e o retorno ao que é ancestral, assim como ela viu em seu primeiro sonho³ no bosque e no celeiro. Portanto, através desses simbolismos, Kang traça uma crítica essencial e de uma maneira inusitada, nos fazendo refletir sobre como o patriarcado está presente em tudo, até mesmo em nossas escolhas alimentares, e o quão difícil é se rebelar contra as normas sociais sem perder sua sanidade e sua rede de apoio no caminho.

“Não sou mais um animal, mana”, diz Yeonghye baixinho, passando os olhos pelo quarto vazio, como se estivesse contando um segredo. “Não preciso mais comer. Consigo viver assim. Só preciso tomar sol.” “Do que você está falando? Acha mesmo que virou uma árvore? Se você fosse uma planta, como poderia falar? Como poderia pensar?” Os olhos de Yeonghye brilham. Um sorriso enigmático ilumina seu rosto. “Você tem razão, mana. Não vai demorar muito e deixarei de falar, de pensar... Falta pouco...”, diz a irmã mais nova, esboçando um sorriso e suspirando com força. (Kang, 2007, p. 92).

³ Neste sonho, Yeonghye está num bosque e encontra um celeiro cheio de carnes penduradas, e para atravessá-lo ela abre caminho por meio dos pedaços, sujando seu vestido branco de sangue. Ao se afastar de lá, ela

encontra uma parte clara e arborizada da floresta, cheia de crianças e famílias, mas ao olhar seu reflexo no riacho não se reconhece.

REFERÊNCIAS

DEVI, Atchaya. Edible resistance: a feminine rebellion through culinary representation in *The Vegetarian* by Han Kang. *The Dawn Journal*, v. 12, n 1, 2023.

KANG, Han. *A Vegetariana*. Trad. Jae Hyung-Woo. São Paulo: Todavia, 2018.

PARK, Boo Jin. Patriarchy in Korean Society: Substance and Appearance of Power. *Korea Journal*, v. 41, n. 4, 2001.

SUSSMAN, Anna. "A World Without Men" The women of South Korea's 4B movement aren't fighting the patriarchy – they're leaving it behind entirely. Disponível em: <<https://www.thecut.com/2023/03/4b-movement-feminism-south-korea.html>>

YOO, Taebum. YOON, In-Jin. Becoming a Vegetarian in Korea: The Sociocultural Implications of Vegetarian Diets in Korean Society. *Korea Journal*, v. 55, n. 4, 2015.